



## **Documentário Local X Turismo Ficção: Estudo sobre a disparidade no olhar de quem reside e de quem visita a cidade de Natal – Rio Grande do Norte.<sup>1</sup>**

Michel Jairo Vieira da Silva<sup>2</sup>

Salete Gonçalves<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### **RESUMO**

O artigo tem por interesse observar e compreender as mais diversas perspectivas de observação da cidade – hora “neonizada” pela atividade turística, hora maculada pela pichação de vândalos. O ensaio a seguir quer, ao se apropriar das nuances das impressões dos residentes e turistas que circulam por Natal – RN, revelar os motivos que acabam por promover dois espaços que levam o mesmo nome de batismo, mas que oferecem maneiras diferentes de mobilidade e inclusão. Para isso, sitiou-se para objeto de estudo: documentários (curtas-mentragens) recentemente produzidos e enredados na cidade representando o autóctone; e a percepção do turista através dos traslados e passeios comumente “consumidos” pelos visitantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário fílmico; turismo; sociedade.

Como fenômeno participante e indissociável do processo de globalização, o turismo se estabelece com propriedade na sociedade pós-moderna, período esse que nos leva a estar condenados ou, segundo AUGÉ (1994, p. 74) “prometidos à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”. E tais características, sinônimos da fugacidade das relações humanas atuais, podem ser experimentadas também numa viagem de turismo, em que inúmeros são os destinos - espaços criados, e a serem recriados para atender aos mais diversos tipos de turismo e turista.

Como característica principal desses “lugares” pode-se entender como a sua paradoxal incapacidade de ser definido como tal. Tendo em vista que um local que “não se pode definir como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (IDEM, IBDEM) não seria um lugar, e sim: NÃO-LUGAR. Ou seja, a negação de sua condição de retrato de vivências sociais em processo, de um de um conjunto de aspectos que representam o resultado, as tradições, heranças da continuada relação existente entre o homem e o ambiente em que vive.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Radialismo da UFRN, email: micheljvs@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Turismo da UFRN, email: saleteg@hotmail.com



Essa concepção de não-lugar aplicado ao fenômeno turístico caracteriza-se pela forma como ocorre a “turistificação” (apropriação do turismo) deste espaço. E a paisagem, recorte desse espaço a ser vendido, é o componente fundamental, enquanto atração para os possíveis visitantes. Com apelo por sucesso, e na criação desta “mercadoria de uso temporário”, são cada vez mais freqüentes as iniciativas de criação de paisagens superficilizadas, com tradições inventadas, simbolismo duvidoso, e destituídas de identidade com o lugar onde são construídas.

As paisagens artificiais criadas pelo turismo destoam seus entornos, tanto no que se refere às características naturais e construídas desses entornos. A natureza e cultura recriadas por essas paisagens são frutos de intervenções planejadas (...) não são produtos da história natural e social, são produtos do turismo (CRUZ, 2001, p. 112).

Esses não-lugares são geralmente resultado de capital estrangeiro, unidos à iniciativas governamentais que acabam por elaborar um circuito turístico pouco, quando não, relacionado ao desígnio local. Recria-se, de certa maneira, o que os registros fotográficos de “progresso” do Brasil no início do séc. XX mostravam: um país de elites, deslumbrantes paisagens, prodígios arquitetônicos, belas jovens abastadas, em contraponto ao esquecimento da maioria local pouco “relevante” instalada até hoje em seus cortiços. (ESSUS, 1997)

O contexto histórico é outro, mas a “ladainha” pode estar se repetindo, e com isso a representação do povo, e até eles mesmos, podem estar sendo condenados a limitar-se à periferia também do reconhecimento e fadados, em diversos casos, à segregação promovida pelos efeitos negativos do êxodo turístico, de certo invasor e excludente.

Para atender a uma exigência dos empreendimentos turísticos, muitas cidades brasileiras se firmam séries repetitivas que podem dar a impressão de que está tudo ficando com a mesma imagem, ou com símbolos, representações esdrúxulas de si e de seu povo, que em muitos casos não participam do processo desenvolvimentista e participativo pregado pelo turismo.

Quem ordena e reordena o destino “só agora atraente”, com a identidade local fragmentada, ou inserção de novas culturas, moldam o dia-a-dia do turista, promovendo um *tour* maquiado, distanciando-o do nativo (KRIPPENDORF, 1984), realizado numa espécie de bolha, um simulacro.

Simular: fazer de conta, fingir, aparentar. Verbo do qual se deriva o conceito de simulacro, fundamental à análise de certas características de nossa modernidade tardia (...) o simulacro, pois, é colocado no

lugar da própria coisa, repousando sua aparente vantagem, no fato de possuir mais atrativo do que ela. (DUARTE JR., 2001, p. 112)

O uso do simulacro no turismo, segundo os seus executores, está no “entendimento” de que este é necessário por causa da brevidade das viagens e da complexidade das relações sócio-culturais existentes no destino. Quando não, pela idéia de que os signos da identidade alheia são mais vendáveis.

À medida que a cultura global sobrepõe à local, os símbolos da construção sócio-espacial da comunidade, preocupantemente, podem se perder na especulação dos equipamentos e novos costumes. Como já mencionado, o objetivo é tornar mais convidativo aos olhos do turista. Entretanto, em muitos casos, o máximo que se consegue é reproduzir algo sem atribuir-lhe o sentido que o mesmo merece, restando ao turista o imaginário de uma cidade pirata, genérica, falsificada.

Não se quer aqui descolorir os evidentes pontos positivos da atividade turística em inúmeras localidades. Todavia, muitos estudos descrevem a privatização de áreas públicas, sendo a população residente timidamente valorizada e pouco beneficiada pelos louros oriundos da atividade, que acaba permitindo a coexistência de duas cidades dessemelhantes em um mesmo espaço. Como em seu romance alerta CALVINO (1972, p. 30): “evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si.”

A Grande Natal litorânea (Natal, Parnamirim e Extremoz) é a região que hoje compreende o circuito turístico mais visitado do Rio Grande do Norte. E apesar de estar em uma posição de destaque no *ranking* dos destinos mais visitados do Brasil, o turismo na cidade é bastante recente. A alavancada desse fenômeno ocorreu nas últimas décadas, tendo como marco inicial a construção da Via Costeira. Essa apropriação do turismo pela cidade – ou seria da cidade pelo turismo? - promoveu grandes mudanças no cotidiano, e na pluralidade de impressões acerca da cidade de Natal.

Para fomentar o estudo acerca disso, faz relevante comparar o que o turista identifica como Natal, com a opinião do principal sujeito da cidade, o autóctone, tendo em vista que a relação identitária deste último, obviamente, é mais completa sobre o lugar. Pensa-se que ela serviria de atestado do grau de veracidade da imagem de Natal para os turistas que a visitam.

Essa abordagem da comunidade local se dará através do recurso fílmico documental produzido e enredado na capital do RN, que revela a identidade local



através dos seus discursos e habitantes. Com verticalização dessas duas compreensões pode-se deslumbrar as semelhanças e disparidades na concepção identitária feita pelo turista e pelo residente sobre a “Cidade do Sol”.

Nessa tentativa de confrontar essas interpretações sobre a capital Potiguar, aliando-se ao discurso do residente comunga-se inicialmente da idéia de BRESCIANI (1997) que vê a cidade como resultado da arte humana, representando a capacidade criadora do homem, sua ação e reação, moldando uma imagem particular do meio ambiente, sendo assim a cidade seria a produção de símbolos ricos em interpretação da vida. O espaço como possuidor de uma identidade que faz com que os seus transeuntes o reconheçam, e através disso se reconheçam nele.

Esse reconhecimento pode-se chamar de identidade “fonte de significado – experiência de um povo” CASTELLS (1995, p. 22), povo esse que, ao atribuir e fundar representações desses significados constroe sua identidade alicerçada em aspectos de resistência e formação histórica, adaptação geográfica, formas de produção, além do imaginário coletivo que continuamente, através dos seus atores (habitantes) “reorganizam seus significados em função de tendências e sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.”(IDEM, IBDEM).

## **O TURISTA: UMA EXPERIÊNCIA FICTÍCIA**

O turista e seu olhar desconhecem freqüentemente os processos históricos e o contexto cultural, social e político de onde visita (URRY, 1996). Assim, é possível questionar que identidade, através desse olhar, a cidade, neste caso Natal, pode assumir. Sendo a identidade local observada pelo turista contrastada, por vezes, com a primada pelos residentes.

E nesse despreparo para o reconhecimento da verdade do lugar, a percepção do visitante sobre Natal está “domesticada” pelo fenômeno turístico, e gerando uma experiência daltônica sob a localidade, nesse ângulo, possivelmente não-autêntica. CARLOS (1996, p. 28) sugere como definição a esta manipulação do que se deve mostrar, ou omitir numa experiência turística, o resultado da “produção do não-lugar turístico”, voltado para a utilização do simulado, do ilusório, presenteando os seus visitantes com uma vivência espetacular, porém irreal – fictícia.

Natal enquanto não-lugar, definição estabelecida no início do ensaio, agora toma uma “verdade” pela ótica do turista, e isso torna-se evidente por diversas obras



estruturais e movimentações ocorridas nos últimos anos. Um dos aspectos mais relevantes é o bairro e praia de Ponta Negra (principal cartão postal da cidade), que podem-se denominar como uma “ilha turística”, que vê a margem de sua estrutura com calçadão iluminado, shoppings, belos hotéis e restaurantes, rodovias pavimentadas e bem sinalizadas, acrescidos de segurança e limpeza, uma cidade diferente e desconhecida dos turistas, que permanecem em Ponta Negra por quase todo o período que estão instalados em Natal.

Ainda sobre a praia de Ponta Negra, a mobilidade que a orienta convida o turista a permanecer na mesma, principalmente o turista internacional, que não recebe orientação adequada para se “aventurar” a conhecer o outro lado da cidade, onde estão realmente os nativos, com suas ruas, e seus costumes. O povo da cidade é representado na vivência do turista apenas por profissionais do lazer, pertencentes ao *trade* turístico.

E em meio a essa “desorientação”, os estabelecimentos (muitos deles pertencentes a estrangeiros) acabam também por dar a área de Ponta Negra uma área também estrangeira, com hotéis, pousadas, restaurantes, bares e lojas de artesanato com características internacionalizadas, seja através de cardápios e nomes fantasias em inglês ou italiano, seja pela própria oferta de produtos e serviços como: hospedagem em castelo medieval, comidas italianas, francesas, mexicanas, e festas a base de ritmos como: música caribenha, eletrônica, rock internacional, entre outros.

Um outro aspecto que revela segregação está na localização da estonteante Via Costeira (recrutada de um lado pela reserva florestal Parque das Dunas e por outro pelos arrecifes banhados pelo mar), que coloca em posição de isolamento os turistas que se hospedam nos maiores e mais luxuosos hotéis da capital potiguar - meios de hospedagem que se encontram a margem dessa estrada. Projetada a mais de 30 anos, a Via Costeira nunca serviu diretamente como via de trânsito, quando no máximo de escoamento da população local. Sendo uma construção eminentemente turística, a estrada é apenas uma forma de acesso aos meios de hospedagem, e a praia – praia essa visitada apenas por turistas, tendo em vista a dificuldade de acesso livre à beira mar – quando não pelos hotéis.

A presença de residentes na área é dificultada também pela ausência de estabelecimentos de lazer (bares e restaurantes) na orla, além do insipiente serviço de transporte público que circula pela via - microônibus que transitam esporadicamente pela estrada além de poucos pontos de ônibus. Ou seja, freqüentar uma das mais belas paisagens (mata atlântica preservada e oceano atlântico) da capital do RN é privilégio



de uma minoria (visitante), situação que novamente evidencia uma outra cidade – uma Natal do turismo.

Para superficialmente concluir esse passeio pelos caminhos que fazer o visitante criar seu imaginário sobre a cidade em análise, são os próprios traslado (Aeroporto – Ponta Negra) e passeios (seus itinerários) e atrações oferecidas pelos hotéis e agências de receptivo, e promovidos pelo poder público, através de publicidade e obras de incentivo.

Os locais por onde o turista circula em todo o momento é manipulado para, de certo, maquiagem as realidades estruturais e humanas da cidade - favelização de algumas áreas, pedintes nos sinais de trânsito, má qualidade das estradas, etc. Os passeios não priorizam qualquer contato com a sociedade local de maneira espontânea. Os turistas são convidados a visitar apenas o litoral do estado, deixando de conhecer os principais atores e cenários (cidade) do destino turístico que escolheram para suas férias.

Os dromedários que transitam sobre as dunas da praia de Jenipabu (localizada na grande Natal – município de Extremoz), enquanto atração pode ser considerado um exemplo nítido de uma faceta do turismo anteriormente fundamentada, que é o simulacro turístico, e nesse caso, livremente vinculado pela mídia especializada e bastante valorizada pelo turista, que não cansa de ouvir: - O deserto é aqui! Mas que deserto? Que árabes são esses? De onde saíram aqueles animais? Esses questionamentos sem resposta revelam a desvalorização da cultura local em detrimento de uma simulação sofrível que ganha mais destaque do que a culinária, artesanato, danças típicas, folclore local.

Em síntese, ao voltar para suas cidade de origem, esses visitantes terão fotos e lembranças de um “pseudo-lugar”, uma pseudo-Natal/RN bastante organizada, segura, limpa, e com a estranha sensação de terem passado por um lugar com uma população pouco autêntica, exaltada por hábitos poucos representativos de uma cidade litorânea do nordeste que possui formação histórica, cultural e social particular, e é essa particularidade que será apreciada no sub-tópico a seguir, quando observa-se a compreensão local - residentes.

## **O RESIDENTE: UM DOCUMENTARIO VERDADE**

“Ele acreditava, e eu concordo com ele, que o olho da câmera é mais perspicaz e mais apurado que o olho humano”.  
(VERTOV, apud LABAKI, 2004)

No que se refere à percepção do autóctone, pensa-se na sua apreciação como representação da verdade do lugar – uma cidade do Natal convincente, visto que é a literal voz do seu povo. E para isso se utilizará dos discursos enredados nas películas potiguares, elas que possibilitam uma “viagem” (EINSESTEIN apud CARRIERE, 1994) – um olhar para dentro de si, com aprofundamento e minúcia das diversas realidades, observando bem de perto o que talvez outras expressões, ou até mesmo abordagem direta do morador, não possam mostrar.

Além de ser demonstração de pertencimento a cidade, de quem a produziu, o recurso fílmico corresponde à representação da realidade e busca oferecer uma leitura plausível dos fatos. Assim usar o cinema como objeto de estudo para a compreensão da cidade, isto é, do processo social que dá significado as imagens, sons e signos (TURNER, 1997) da mesma, torna o recurso relevante para o que se almeja – o olhar do residente sobre Natal – RN.

Diversos filmes recentes produzidos na cidade não são apenas obra de *projeção* da cultura cinematográfica de Natal. Mas, forma rica de exibição da identidade local, sendo uma construção midiática do povo e do espaço. Instrumento que pode fornecer uma firme base a respeito dos significados que o lugar possui, expressa e evoca. Essa condição reveladora do cinema, tanto elevada por Edgar Morin (1956) e seu **cinema-verdade**, dará credibilidade à imagem da cidade de Natal no olhar do residente.

Endossar a idéia de cinema como versão da realidade implica assumir a decifração do real pelo imaginário, ou seja, pelas suas significações. A comparação entre essas impressões pode vir a revelar de maneira dicotômica uma cidade fictícia para o turista e uma realidade cinematográfica para os realizadores de um filme, cujo principal obstáculo é ultrapassar a capacidade que o turismo e o cinema têm de ocultar, ou ressaltar o que considera relevante e conveniente.

Dentre as produções fílmicas documentais, objetos desse estudo, que fundamentam a idéia de uma Natal bastante diferente da vislumbrada pelos que vai a cidade de Natal associado à indústria turística, pode-se elencar:

- **Cidade Mídia** (Documentário de Anastácia Vaz, Carlos Nathan, Catarina Doolan, Priscila Adélia, Túlio Dantas e Vitor de Azevedo);
- **Espetaculares Kengas** (Documentário de Diogo Moreno, Elisa Paiva e Lenice Goulart);
- **Redinha Arredia** (Documentário de Carlos Tourinho)
- **Rua Chile** (Documentário de Carlos Tourinho);



- **Um Beco no Meu Caminho – Um Poema Processo** (Documentário de Carlos Tourinho);
- **Vendedores de Esperança** (Documentário de Hélcio Torreão e Edileusa Martins).

Analisando o enredo desses filmes produzidos entre 2006 e 2007, o que se quer é verificar se a cidade que a população local almeja não esteja sendo vivenciada apenas pelos turistas que a visitam. Não sendo Natal um cenário ímpar das práticas de lazer do visitante, mas como retrato das conquistas sociais, ambientais e culturais de quem no destino turístico vive e desses benefícios se apropria. Mas adianta-se a conclusão de que definitivamente a visão desses dois grupos (turista e residente) é um tanto oposta.

O curta-metragem de 8 minutos **Cidade Mídia**, ao levantar questões acerca da relação da sociedade com a própria mídia, discute também a problemática em torno de um situação bastante comum à grandes centros urbanos brasileiros, as pichações de fachadas de prédios públicos e privados da cidade de Natal. Esse movimento de pichadores na cidade vem cada vez mais sujando a imagem de prédios, ruas e praças da cidade. Suas pichações têm, na maioria das vezes, intenções de torcidas organizadas dos principais times de futebol do estado, torcidas essas que estão tornado-se grupos organizados, que promovem não apenas pichações, mas atividades de pancadarias e pontuais homicídios.

Adentrado numa festividade popular, organizado por uma minoria bastante discriminada da sociedade local, o filme **Espetaculares Kengas**, mostra as situações que giram em torno do Baile das Kengas, festa GLS e gratuita que ocorre nas ruas do centro da cidade durante o carnaval. Ao mostrar o dia-a-dia, pensamentos e irreverência dos principais performistas e travestis de Natal, a película apresenta uma manifestação cultural que consegue trazer uma multidão para as ruas históricas da cidade e revelar um momento ímpar de alegria, igualdade e respeito a esse grupo que durante todo o ano se vê vítima de atos discriminatórios, como é o caso da onda de assassinatos a homossexuais na capital potiguar nos último ano.

Com temática também voltada para espaços e práticas de lazer popular, o filme **Redinha Arredia** faz um contraponto a realidade vivida nas areias da praia urbana e turística de Ponta Negra. Localizada na região norte e periférica da cidade, a praia da Redinha já foi, como muitas outras praias do litoral potiguar, uma vila de pescadores, mas vem sendo a cerca de 30 anos refúgio nos dias de folga da população natalense menos abastada, essa também conhecida como “farofeira”, e que faz da praia da





Redinha uma das mais freqüentadas da cidade. O seu público, mais simples, mais alegre, “desorganizado” e familiar consegue em poucos minutos de filmagem, revelar os costumes dominicais de uma população que se vê segregada e “desconvidada” a freqüentar a Praia de Ponta Negra, dedicada exclusivamente ao turismo.

A **Rua Chile**, localizada no antigo bairro da Ribeira e nas proximidades da região portuária de Natal, é o cenário e tema do documentário que leva o mesmo nome e vai exhibir a história dessa rua que já foi o grande centro comercial da cidade, como também da recepção e exportação de mercadorias que circulavam pelo estado do RN. Apesar de apresentar arquitetura de potencialidade histórica e turística, resquícios do seu período de glória, a rua está num estado de abandono claro, sendo palco de uma vida noturna insipiente e depósito frigorífico da indústria da pesca local.

Um outro documentário, também produzido por Carlos Tourinho, chamado **Um beco no meu caminho – Um poema-processo**, apresenta ao espectador a vida que movimenta o “Beco da Lama”, local a muitos anos conhecido como ponto de encontro dos intelectuais de Natal (poetas, jornalistas, escritores, professores, etc.), além dos também freqüentadores menos abastados (bêbados, loucos e pedintes), que completam a mistura da efervescência desse beco que é sempre palco não apenas de diversão e arte, mas também de discussão acerca de temas que envolvem a sociedade.

Para finalizar têm-se talvez o único recurso fílmico que discursa sobre um tema de conhecimento tanto do turista, como do residente. O documentário **Vendedores de Esperança** é um curta que denuncia as condições de vida dos idosos carentes da cidade, que se vêem obrigados a trabalhar informalmente, sob condições desumanas nas areias das praias turísticas de Natal (praia de Ponta Negra, dos Artistas, do Meio e Redinha). Os mesmos, com faixa etária superior aos 65 anos, com dificuldades de locomoção e segurança e expostos ao sol por todo o dia, se dedicam à venda de gêneros alimentícios e produtos artesanais. Essa realidade, por motivos óbvios, chega até o conhecimento do turista que nesse momento consegue conhecer e compreender um pouco da verdade que de certo ultrapassou o muro de isolamento que separa os dos residentes.

## **O TURISTA E O RESIDENTE: FICÇÃO OU REALIDADE**

Partindo da premissa aberta por MAFFESOLI (1999), que vislumbra o “palco” da cidade como um universo de relações, repleto de emoções e sensibilidade, havendo espaços com significação subjetiva e diversa para os grupos que nela se interagem, este



trabalho atentou para a investigação dessa compreensão de cidade através de dois grupos distintos – o visitante e o residente, na cidade de Natal-RN. E através da observação dessa vivência - desse universo de relações - seja pelo circuito turístico vivido por quem visita a cidade, seja pelo discurso fílmico que enreda tramas da cidade, o que se evidenciou foi, de fato, cidades díspares que co-existem no mesmo lugar.

Natal vendida para o turismo é um *produto* que não representa a cidade reconhecida pelos que nela vivem. A manipulação do olhar do turista para os aspectos que o *trade* turístico considera relevante, e na mesma corrente na maquiagem das irregularidades que a cidade possui, ocorre o afastamento do turista da realidade local e levanta um questionamento acerca da sua função enquanto valorizador da cultura e provedor da qualidade de vida local, discurso tão utilizado pelos políticos e empresários para a implementação da atividade turística em grande parte dos destinos com potencial para a atividade.

Acredita-se que um turista que sai de sua residência para depositar suas férias em Natal, retornará para sua cidade de origem sem conhecer a verdade da cidade e suas nuances, os diversos conflitos sociais que afligem os moradores, a cultura e hábitos locais que colorem e dão a mobilidade não menos bela a cidade. Mobilidade essa que pôde ser apreciada enquanto discurso da verdade nesses vídeos que são uma representação exibida em tela de uma viagem a cidade de Natal – Rio Grande do Norte para dentro de si.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não Lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1994 (Coleção Travessia do século).

BARBOSA, Icarim Melgaço. **O Despertar do Turismo:** um olhar crítico sobre os não lugares. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2001 (Coleção Turismo).

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade, Cidadania e Imaginário.** IN: SOUZA, Célia F. de, PESAVENTO, Sandra J. (Org.) **Imagens Urbanas:** os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. Universitária/ UFRGS, 1997

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** Tradução: Diogo Mainardi/ São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema.** Rio de Janeiro: Fronteira Nova, 1994.



CASTELLS, Miguel. **O Poder da Identidade**: volume II. Tradução: Klauss Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001 (Coleção Turismo Contexto).

DUARTE JR., João F.. **O Sentido dos Sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

ESSUS, Ana M. M. de S. Andrade. **O Espelho do Poder**: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *belle époque*. IN: SOUZA, Célia F. de, PESAVENTO, Sandra J. (Org.) **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 1997.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 1984.

LABAKI, Amir. Adeus a Jean Rouch. **Revista è tudo Verdade**, São Paulo, 2004. Trabalho apresentado no 13º Festival Internacional de Documentários, São Paulo, 2008.

MAFFESOLI, M. **No Fundo das Aparências**. Tradução: Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORIN, Edgar. **O cinema e o homem imaginário**. Lisboa: Relógio d'água, 1956.

TURNER, Graemi. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

URRY, John. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, Sesc, 2001.